

FATOS & VOZES - 2ª TEMPORADA

SÉRIE 'CONQUISTA DE QUILOMBOS'

EPISÓDIO 03 - UMA POLÍTICA ETNOCIDA

[LOCUÇÃO - KARINA]

A cerca de 23 quilômetros do Centro de Vitória da Conquista, no distrito de Iguá, zona rural do município, fica o quilombo de Cachoeira dos Porcos. Ao menos 120 famílias residem na comunidade. Juntando todo mundo, são mais de 400 moradores, segundo levantamento feito em 2022 pela 2ª Regional da Defensoria Pública do Estado da Bahia. Indo de carro da cidade até o povoado, ou vice-versa, o tempo de viagem é de quase uma hora. Mas quem faz esse trajeto de ônibus para ir trabalhar ou estudar, de segunda a sexta, fica ainda mais tempo na estrada.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Para chegar até Cachoeira dos Porcos, saindo da zona urbana de Conquista, é preciso pegar a BR 116 no sentido de Cândido Sales e virar à direita na via que dá acesso ao Aeroporto Glauber Rocha, que fica ao lado do Iguá. O caminho até a sede do distrito é todo asfaltado. A obra de pavimentação foi concluída em 2021 com recursos do Governo do Estado. Mas logo depois de passar pelo trecho de pouco mais de 5 quilômetros no qual 4,4 milhões de reais foram investidos, o asfalto termina e a estrada de chão começa.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: A vegetação aqui é bem seca. **Karina:** Sim... Agora, essa estrada aqui de chão também deve ser um problema quando chove. **Afonso:** Humrum...

[LOCUÇÃO - KARINA]

Nós fomos até Cachoeira dos Porcos no dia 20 de setembro de 2023, numa manhã de quarta-feira. Como não era período de chuvas, a estrada estava bem conservada. Quase não tinha buracos. O ponto de encontro com nossa principal fonte na comunidade foi a Escola Municipal Juvêncio Rocha.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Eu acho que já é aqui, não? **Karina:** Tá próximo, segundo o mapa ali.

Afonso: É...

[LOCUÇÃO - AFONSO]

O prédio da escola fica logo depois das primeiras casas que avistamos assim que chegamos no povoado, em frente a um campo de futebol.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: É, acho que aquelas casas já faziam parte do... aqui da comunidade.

Karina: Hum... **Motorista:** Para já aqui? **Karina:** É. A escola... **Afonso:** Isso...

Karina: Provavelmente é essa aqui, né? **Afonso:** Tem uma igreja também. **Karina:**

Juvência Rocha. **Afonso e Karina:** É isso mesmo. **Karina:** Tá fechado. **Afonso:** O

portão tá aberto... **Karina:** Ahh.. quer dizer... **Afonso:** A estrutura tá até ok, né?

Não sei, se não tiver funcionando, né, vai ser estranho.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Esse estranhamento tem um motivo: durante nossa apuração para esta série, sobretudo nas visitas que fizemos a 11 dos mais de 30 quilombos conquistenses, nós não sabíamos ao certo com qual realidade ou com quais histórias iríamos nos deparar ao chegar em cada comunidade. Claro que fizemos uma pesquisa e uma sondagem inicial antes de ir a campo, que nos permitiu saber antecipadamente alguns dos problemas que a população quilombola de Conquista enfrenta, como a falta d'água e o fechamento de escolas. Mas era uma noção generalizada desses problemas. O que a gente precisava saber era onde exatamente eles aconteciam, como e por que aconteciam. E só foi possível chegar a essas informações indo até essas comunidades e conversando diretamente com quem vive nesses territórios. Então, todo esse processo acabou se tornando ainda mais surpreendente do que esperávamos e... por que não dizer chocante. Um reflexo disso foi justamente o que aconteceu assim que pisamos os pés no quilombo de Cachoeira dos Porcos.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Olá. **Karina:** Bom dia. Tudo bem? **Vitória:** Isso. **Karina:** Karina.

Prazer. **Vitória:** Prazer **Afonso:** Tudo bem? **Karina:** Afonso. **Afonso:** Afonso, que

tava conversando. **Vitória:** Tudo bem? **Afonso:** Tudo bem? Prazer. **Vitória:** Tava te

ligando agorinha. **Afonso:** Pois é, a gente demorou até mais do que pensado pra chegar aqui.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Quem nos recebe é a coordenadora da associação de moradores da comunidade, Vitória Marinho, que tem 41 anos e é estudante de Administração. Ela usa calça jeans, óculos escuros e uma camisa vermelha com o nome do curso e da instituição onde estuda, a UESB. Assim que chegamos, Vitória nos leva para conhecer o interior da Escola Municipal Juvêncio Rocha, onde acontecem as reuniões da associação. A instituição é cercada por um muro branco de altura média levemente coberto de poeira. A entrada é por um pequeno portão amarelo, que dá acesso a uma área de convivência e aos dois blocos que compõem o prédio. Cada um conta com uma sala de aula. No lado direito, colado no muro, fica o sanitário, que tem 3 divisórias: uma para o gênero masculino, outra para o gênero feminino e uma última adaptada para pessoas com deficiência. Sobre o teto do banheiro, fica ainda uma caixa d'água. Todas as portas são brancas. Já as paredes da escola se dividem entre um tom azul claro da metade pra baixo e um branco reluzente na parte de cima.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Antes mesmo de Vitória falar sobre a escola, a primeira coisa que nos chama atenção é o fato de não ter alunos na instituição em plena manhã de quarta-feira. Mas não só isso. O prédio parece que foi recém-construído ou completamente reformado. Das paredes ao teto, a estrutura aparenta ser muito nova. E nesse caso aqui, as aparências, definitivamente, não eram engano. Vitória nos confirma o que suspeitávamos assim que entramos em uma das salas da unidade de ensino. O eco que você vai perceber no áudio vem do vazio presente no espaço.

[AMBIENTAÇÃO]

Karina: E essa escola aqui está desativada? **Vitória:** Desativada, filha. Para a gente conseguir pra a gente fazer a reunião, foi o maior trabalho. Porque aqui não tem condições. Escola quilombola está desativada, gente. Não existe isso. **Karina:** Há quanto tempo que essa aqui está desativada? **Vitória:** Ó, essa escola, ela desativou... ano passado, no final do ano. Iniciou já esse ano... **Afonso:** Com os alunos. **Vitória:** Lá no outro colégio. Terminou a reforma escola aqui em outubro, em dezembro fechou. **Afonso:** Oxe. **Karina:** Reformaram e depois fecharam. Nossa. **Vitória:** Só fez gastar. **Afonso:** Nossa. **Karina:** Ah, é, reformaram pra fechar as portas. **Afonso:** É porque, logo quando a gente chegou, a primeira coisa que eu vi, "Nossa, a estrutura da escola é muito bacana". **Vitória:** Ó. **Karina:** Parece que tá nova, né? **Vitória:** Deixa eu abrir ali a outra sala pra vocês verem.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Nessa altura da nossa apuração, já tínhamos visitado quilombo onde havia escola fechada que estava funcionando como abrigo provisório para famílias desalojadas pelas chuvas desde 2021. Parecia ser impossível nos chocarmos ainda mais com outras situações enfrentadas pela população quilombola de Vitória da Conquista. Mas estávamos enganados. E aquela visita a Cachoeira dos Porcos deixava isso ainda mais claro conforme Vitória ia nos mostrando a estrutura da Escola Municipal Juvêncio Rocha e contando mais detalhes sobre o fechamento, que ocorreu entre o fim de 2022 e início de 2023.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Até o teto parece que foi... trocou também. **Vitória:** Foi todo reformado. Todo reformado. Todo. **Vitória:** E as salas, todas, todas elas estrutura boa. **Afonso:** Sim. **Vitória:** Cozinha, ó. **Afonso:** E vocês só estão utilizando atualmente pras reuniões da associação? **Vitória:** Só pra uso da comunidade. **Afonso:** E pra uso da comunidade quando vocês precisam, né? Entendi. **Vitória:** Isso. **Karina:** E qual foi a justificativa que eles deram pra desativar a escola? **Vitória:** Diz... Diz... Dizendo eles que era falta de alunos, mas não existe. Não existe falta de alunos. Eu tô com uma lista ali... Uma lista ali que a gente tá organizando a festinha do dia... a comemoração do dia das crianças? **Afonso e Karina:** Sim. **Vitória:** Só aqui só? É mais... É mais de 80 crianças.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A escola de Cachoeira dos Porcos atendia crianças do ensino fundamental 1 e foi desativada cerca de dois meses depois de ser completamente reformada no ano de 2022. A reforma começou em agosto, terminou em outubro, quando as aulas foram retomadas no espaço, e em dezembro, logo após o fim do ano letivo, foi fechada. No início de 2023, os alunos foram então transferidos para a Escola Municipal Otaviano Salgado, que fica no povoado de Campo Formoso, a mais de 13 quilômetros do quilombo. A unidade de ensino já existia, mas foi reinaugurada em fevereiro desse ano pela Prefeitura Municipal depois de ter seu prédio ampliado para dispor de seis salas de aula, além de laboratório, auditório, cozinha e outros equipamentos. A obra custou mais de 2,3 milhões de reais. Porém, não se trata de uma escola quilombola, assim como era a Juvência Rocha.

[AMBIENTAÇÃO]

Vitória: Então assim, eu acho um absurdo fechar uma escola dessa. E principalmente numa comunidade quilombola. Que a gente sabe que a gente tem os direitos. **Afonso:** Exatamente. **Vitória:** Eles não tão respeitando os nossos direitos. **Karina:** E eles chegaram a conversar com a comunidade antes de fechar a escola?

Vitória: Que nada, minha filha. Nós que partimos pra secretaria. Nós juntamos mães e fomos pra secretaria. Nós fomos pra secretaria justamente pra não tirar... Porque já tava decidido. Quando a gente ficou sabendo que as nossas crianças iam pra Campo Formoso, já tinham levado as cadeiras daqui tudo sem a comunidade saber.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Sabe o que torna tudo ainda mais contraditório nessa história toda? É que antes mesmo da reforma, em 2021, a Prefeitura já tinha tentado fechar a Escola Municipal Juvêncio Rocha, quando os alunos ainda estavam tendo aulas remotas devido à pandemia da covid-19. Isso só não aconteceu porque a comunidade fez protestos e até denunciou a situação na TV Sudoeste.

[ILUSTRAÇÃO - REPORTAGEM TV SUDOESTE]

Âncora: A gente tá de volta pra falar que a comunidade quilombola de Cachoeira dos Porcos, zona rural de Vitória da Conquista, entrou em contato com a nossa produção pra pedir que uma equipe de reportagem fosse à localidade. É que a Escola Municipal Juvência Rocha está com sérios problemas de infraestrutura. E segundo os moradores a Prefeitura quer transferir os alunos para outra escola, distante da comunidade. Os pais pedem a reforma e ampliação urgente do colégio, fundado há mais de 50 anos. **Repórter:** A mudança de escola seria para uma comunidade mais distante, e que segundo os moradores com acesso mais complicado. **Vitória:** É uma falta de respeito com a nossa comunidade, porque a gente sabemos que a nossa comunidade é quilombola e é uma escola há mais de 50 anos. Há mais de 50 anos que essa escola funciona. E eu não vejo... Eu não vejo possibilidade nenhuma das nossas crianças saírem daqui. **Repórter:** Roberval é da comunidade e hoje estudante de Ciências Biológicas na UFBA. Roberval estudou nessa escola. O apelo dele e da comunidade é pela ampliação da estrutura da escola e não pelo fechamento. **Roberval:** Eu estudei aqui, na época era da pré-escola à quarta série. E assim... Eu fiquei triste ao saber que a Prefeitura tá querendo fechar nossa escola. Eu penso que fechar uma escola não é só fechar um prédio, é acabar com a cultura do povo.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Em um momento posterior à nossa visita à Escola Juvêncio Rocha, Vitória falou com a gente sobre essa mobilização da comunidade pela reforma e manutenção da instituição.

[ENTREVISTA - VITÓRIA]

Vitória: A comunidade foi em peso pra cima. Foi em peso. **Afonso:** Por que você acredita que houve essa mobilização tão forte? Você pode me falar um pouco sobre o significado, a importância da escola pra vocês, o que ela significa? **Vitória:** A escola significa tudo. Tudo. Educação, respeito, dignidade e futuro. Porque é de dentro dessa escola que sai o nosso futuro. Hoje eu tô com 41 anos, mas se eu sei alguma coisa hoje, começou dentro daquela escola. Se eu tenho... se eu tenho o privilégio de pegar uma caneta e assinar qualquer documento em qualquer lugar, se hoje eu sou uma estudante de administração, começou tudo dentro dessa escola. Então essa escola é nosso patrimônio, é nossa riqueza da nossa comunidade. E aí, e aí veio a graças a Deus, a gente lutou novamente pela reforma, veio a reforma.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Uma luta que, no final das contas, foi ignorada pela Prefeitura de Vitória da Conquista. Em nota enviada ao Conquista Repórter, a administração municipal afirmou que a Escola Juvêncio Rocha foi reformada para o retorno às aulas presenciais após o período de ensino remoto, pois o prédio oferecia risco à integridade física das crianças e a Escola Municipal Otaviano Salgado ainda não estava pronta para recebê-los. Mas segundo Vitória...

[ENTREVISTA - VITÓRIA]

Foi só uma jogada. Porque já se queria fechar, era não ter gastado o dinheiro da reforma. Que não foi pouco.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A gente buscou saber o valor investido na revitalização da Juvêncio Rocha. E o que descobrimos foi que a obra, na verdade, fez parte de um conjunto de reformas que incluiu outras três escolas da zona rural de Conquista e custou mais de 748 mil reais aos cofres públicos. Só não conseguimos identificar quanto exatamente desse valor foi gasto na reforma da escola de Cachoeira dos Porcos. Mas, por outro lado, apuramos uma informação tão importante quanto essa para compreender o que exatamente poderia levar a Prefeitura de Vitória da Conquista a desativar uma escola quilombola poucos meses após ela ser reformada. Acontece que a Juvêncio Rocha está longe de ter sido a única instituição de ensino localizada em um quilombo a ser fechada pelo Poder Público municipal.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Um levantamento exclusivo feito pela nossa reportagem apontou que, desde 2018, ao menos 14 escolas quilombolas foram fechadas na zona rural de Conquista. De um total de 26 unidades de ensino que funcionavam em quilombos do município no ano de 2017, apenas 12 seguem ativas até a publicação deste episódio, ou seja, menos da metade. As informações foram obtidas pela nossa equipe a partir de um cruzamento de dados obtidos via Lei de Acesso à Informação com estudos acadêmicos realizados na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a UESB, pelas pesquisadoras Vanessa Costa dos Santos, que investigou o fechamento de escolas do campo, e Niltânia Brito Oliveira, que pesquisou a política da educação escolar quilombola em Conquista no período de 2012 a 2017.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Também utilizamos como base os depoimentos de moradores dos quilombos que visitamos, além de um relatório sobre o fechamento de escolas elaborado pelo Conselho das Associações Quilombolas do Sudoeste Baiano. De caráter consultivo, o órgão foi criado em 2006 e, atualmente, reúne representantes de mais de 50 quilombos certificados pela Fundação Palmares na região. Ele também é responsável por ações e projetos como a Casa do Estudante Quilombola e o Encontro Anual das Comunidades Quilombolas do Sudoeste Baiano. Quem nos contou um pouco mais sobre a atuação e o funcionamento do conselho foi o engenheiro agrônomo Marinaldo Carvalho, que foi, inclusive, um de seus fundadores.

[ENTREVISTA - MARINALDO]

O conselho ele veio como guarda-chuva, né? Ela veio fazer um trabalho de fortalecimento para que as comunidades tivessem a maior... acesso à informação, né? Então foi o Conselho... É pra isso, né? O conselho num faz projeto. Ele articula, encaminha, né? Faz propostas, né? E, e divulga né? Divulga. A gente tá fazendo um trabalho de... jurídico, contábil, né, também com essas comunidades todas. Então, isso pra mim foi importante, não só pra mim mas, pra todo mundo que... que faz parte do conselho, né? É... eles se sente uma forma de o que acontecer no, no, no... na reunião do conselho levar pras suas comunidade, né? Pra dar informação: “oh, que tá acontecendo isso, isso, isso”, né? Cê viu o exemplo foi da escola, né? Que... “ó pessoal, cada cada liderança dessa lá, diz qual escola que fechou, o nome e o motivo”. Então, já chegaram lá, já... já tá fazendo isso, né, na reunião que teve agora, né, já tiveram isso. E essa ponte, né, que, né, entre o... o conselho e, e... o Quilombo, isso é... foi fundamental.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Quando conversamos com Marinaldo, o relatório do conselho sobre o fechamento de escolas quilombolas em Vitória da Conquista ainda estava sendo elaborado. E não à toa, conforme nos apontou em entrevista o então presidente do órgão, Domingos Lemos, que mora no quilombo de São Joaquim do Sertão.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Afonso: É, primeiro eu queria saber é... de você primeiro Domingos, quais são as principais dificuldades e problemas que chegam até o Conselho, que você mais têm ouvido reivindicações, demandas que vem tanto aqui da comunidade, quanto de outras localidades também. **Domingos:** Principal demanda ultimamente que tem chegado lá no... no conselho e queixa é sobre o fechamento de... de escola na... nas, nas comunidades quilombolas. É... nos últimos ano tá tendo um processo aí de, de fechamento de escola e isso tem... tem afetado diretamente as... as comunidade.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Pra você ter uma ideia, só entre o fim de 2022 e início de 2023, foram quatro unidades de ensino fechadas pela Prefeitura em comunidades quilombolas de Vitória da Conquista: além da Escola Municipal Juvêncio Rocha, de Cachoeira dos Porcos, também foram desativadas, nesse mesmo período, a Escola Municipal Corredor do Rio Pardo, do quilombo de Cachoeira do Rio Pardo; a Escola Municipal José de Alencar, de Furadinho; e a Escola Municipal Gustavo Alves da Silva, do Boqueirão. De acordo com a nota da gestão municipal enviada à nossa reportagem, na maioria desses casos, a suspensão das atividades ocorreu devido à falta de alunos.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Afonso: Teve algum fechamento de uma escola que particularmente lhe chamou mais atenção, que causou muita, muitos problemas na comunidade, alguma, algum relato que chegou até o conselho? **Domingos:** de Cachoeira do Rio Pardo. **Afonso:** O que que aconteceu lá? **Domingos:** Porque lá eles alegaram que ia fechar a escola porque era... poucos alunos, que não justificava manter uma escola lá pra atender aquela quantitativo de alunos. E aí ofereceram eles pra estudar em Inhobim. E aí os pais preferiram matricular os alunos na escola de Encruzilhada, que é um outro município, a ter que deslocar pra ir, pra ir pra Inhobim estudar, por conta da distância, o transporte precário e diz que, segundo eles, que Inhobim é um, um local violento, principalmente pra pra crianças quilombolas. Aí por conta dessas dificuldades preferiram, é... matricular as crianças em outros, outro município.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Inhobim é o distrito da zona rural de Conquista onde fica Cachoeira do Rio Pardo, que está localizado a mais de 73 quilômetros do centro urbano do município. É um dos quilombos mais distantes da cidade. Já a distância até a sede do distrito em si é de 9 quilômetros. A comunidade fica quase no limite territorial entre Vitória da Conquista e Encruzilhada, e conta com cerca de 160 moradores. Não chegamos a ir lá durante nossa apuração, mas conversamos de forma on-line com uma de suas lideranças comunitárias, a técnica agropecuária Alemarcia Oliveira Santana. Ela nos contou o que sentiu quando soube que a Escola Municipal Corredor do Rio Pardo foi desativada.

[ENTREVISTA - ALEMARCIA]

Eu fiquei muito triste em relação a escola ter sido fechada. Foi uma coisa, assim, inesperada. Quando me falaram, eu falei, gente, socorro, como é que pode fechar a escolinha que a gente tem no quilombo? E é uma das dificuldades, assim, que eu não esperava que a gente fosse passar. Pelo fato da gente residir do distrito uns nove quilômetros, então a mãe... quem é mãe quer uma segurança pro filho, entendeu? Essa região aí, eu não sei se você não deve conhecer, mas essas estradas são muito perigosas, sabe? Então a gente está ali, o filho ainda não está no ginásio, não terminou ainda a quarta série, e aí já ter que partir para uma outra escola, ter que viajar nove quilômetros todos os dias, gera uma preocupação para as mães.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E essa é uma preocupação unânime.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Domingos: Na escola da, da comunidade você se sente mais seguro, você tá em casa. Então pra criança que tá iniciando a, a, a vida, então, tá conhecendo o mundo, então cê começar por perto de casa é muito, é muito melhor. Você... lhe dá mais, mais segurança. Cê sabe que cê sair dali, da escola, seu pai tá ali no, tá ali fora, sua mãe tem um, um... ao sair dali tão todas as pessoas conhecidas do, do, do seu convívio que vão, vão estar ali.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Se você mora em Conquista, não sei se notou nessa altura do episódio, mas tem algo que é comum entre a desativação das escolas de Cachoeira do Rio Pardo,

Cachoeira dos Porcos e todas as outras 12 que foram fechadas pelo município, desde 2018, em quilombos rurais. Todos esses fechamentos, sem nenhuma exceção, ocorreram durante a gestão dos prefeitos Herzem Gusmão e Sheila Lemos, conhecidos pela sua vinculação ao bolsonarismo. E segundo Domingos, como se não bastasse as escolas fechadas, até mesmo um núcleo voltado para a educação escolar quilombola que existia na Secretaria Municipal de Educação teve suas atividades encerradas. E aí, já começou a ligar os pontos?

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Afonso: Fechou o núcleo de educação escolar quilombola do município com várias outras escolas... tudo entrou nesse meio. Então isso, pra você, de certa forma mostra que isso é uma, essa é uma... se torna uma política de fechamento, uma política de, de... **Domingos:** de extermínio da, da do, dos direito e das tradições do dos, povo quilombola. Uma política preconceituosa e cruel na educação do município de Conquista.

[TRILHA - VINHETA DE ABERTURA]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

Afonso: Meu nome é Afonso Ribas e este é o Fatos & Vozes, um podcast original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista.

Karina: Eu sou Karina Costa e você está ouvindo a série “Conquista de Quilombos”, produzida com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas - ICFJ, na sigla em inglês, da Meta e da Associação de Jornalismo Digital. Episódio 03: Uma política etnocida.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

No início da tarde do dia 16 de setembro de 2023, chegamos a um quilombo da zona rural de Conquista no qual o tema central das nossas entrevistas seria justamente o direito e a importância de uma educação construída a partir do respeito e valorização dos costumes e tradições quilombolas. Localizado no distrito de José Gonçalves, o Sinzoca chama atenção à primeira vista pelo vermelho intenso presente na coloração do solo. Parte do seu entorno é tomado por uma vegetação rasteira onde algumas cercas marcam a divisão do território. Paramos no centro da comunidade logo após subir uma pequena ladeira. E de cara, nos deparamos com o posto de saúde e a escola do povoado, que ficam quase colados um no outro.

[AMBIENTAÇÃO]

Vic: Dava pra ver o posto de longe. Ou é a escola, não sei. **Karina:** Qual? **Vic:** Ah, era o posto. **Karina e Afonso:** Ah, é aqui. **Afonso:** A estrutura dele por fora até parece que está mais preservada. **Karina:** É por fora parece que tá mais... **Vic:** Ele é mais novinho. Ta com a estrutura dos... **Afonso:** É, por aqui mesmo. **Karina:** É, até a logo da Prefeitura é a mais atual. **Vic:** É... **Afonso:** Mas por fora, né... **Karina e Afonso:** Não sei como tá por dentro (risos).

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Se por fora a estrutura do posto parecia bem conservada, o mesmo não se podia dizer do prédio da escola, que não estava com rachaduras nem nada do tipo, mas tinha uma aparente situação de abandono. Nem sequer o nome da instituição de ensino aparecia na parede do imóvel, pintada de verde da metade inferior pra baixo, e de um tom meio branco meio bege na parte de cima. Sem muro, a calçada era coberta por um telhado sustentado por estacas de madeira. E, por algum motivo, a porta da sala de aula estava aberta.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Inicialmente, achamos que a pessoa com quem marcamos aquele encontro no Sinzoca estaria dentro da sala nos esperando. Mas ao chegar próximo da entrada, logo nos deparamos com um jovem, que mexia no celular, perto da porta. E mais ao fundo, deitada sob uma cama, tinha uma mulher. Ficamos um pouco confusos. A sensação era de que estávamos invadindo um espaço privado. Então, sem prolongar muito a conversa e até um pouco constrangidos com a situação, só perguntamos ao rapaz se ele sabia onde poderíamos encontrar nossa entrevistada, a líder comunitária Magna Novais de Oliveira. Logo depois disso, deixamos o lugar.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Só quando finalmente encontramos a Magna foi que entendemos porque havia pessoas alojadas no prédio onde funcionava a escola do Sinzoca, desativada em 2018 pela Prefeitura. Segundo ela, o rapaz com quem falamos é filho da mulher que estava no interior da unidade de ensino, e eles tiveram sua casa interditada pela Defesa Civil do município durante as enchentes ocorridas em 2021. Por isso, foram realocados para a escola. Quase dois anos depois, continuam lá. Não chegamos a entrevistá-los porque, de acordo com Magna, diante do abandono do qual foram vítimas, a família teve sua saúde mental abalada e sofre com as consequências psicológicas causadas pelo descaso do Poder Público municipal, que não respondeu ao nosso questionamento sobre a situação. Para a líder comunitária, o que torna isso ainda mais triste é saber que o espaço que hoje serve de abrigo

provisório para essas pessoas já foi lugar de boas lembranças para toda a comunidade e uma verdadeira referência quando o assunto é educação escolar quilombola.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O conhecimento de Magna sobre o Sinzoca vem da sua própria vivência no quilombo, onde mora desde que nasceu. Além disso, ela atua há 20 anos como agente comunitária de saúde no povoado, e conta que nunca teve vontade de deixar a comunidade, onde vive com o marido, que é tesoureiro da associação de moradores. A filha do casal tem 24 anos e estuda Psicologia na UFBA.

[ENTREVISTA - MAGNA]

Já passamos por muita dificuldade, mas hoje a gente pode dizer que a gente tem uma vida melhor. As dificuldades de alguns anos atrás foi bem... bem ruim, mas hoje a gente conseguiu superar. Por exemplo, a gente não tinha energia elétrica, não tinha sinal de telefone, essas coisas já chegaram no quilombo, então pra gente... hoje eu posso lhe garantir que o meu quilombo é o melhor lugar do mundo, não tenho vontade nenhuma de deixar esse lugar. **Afonso:** E me conta um pouco, Magna... você poderia me contar um pouco sobre a história aqui do quilombo do Sinzoca, né, o que... como que se deu, o que você conhece também sobre essa história, o que seus antepassados falavam, né, das outras gerações? **Magna:** É, então, os meus avós e alguns vizinhos, né, que, muitos já falecidos, que contavam as histórias que Sinzoca, o nome Sinzoca, se deu porque eles diziam que tinha muitos negros, então a pele deles ficava como se fosse cinza, devido a ir para a roça e eram maltratados, né, por isso que veio o nome Sinzoca. E aqui a cultura da nossa comunidade é que tem reisado, né, é uma coisa que a gente nunca deixou acabar, né, que foi esse reisado, que a gente, inclusive o ano passado, a gente, no dia do novembro negro, a gente vai para Conquista para se apresentar, essa é uma tradição que a gente não deixa acabar. Muitas outras já vão ficando para trás, porque os jovens hoje, eles não são mais como as pessoas de antigamente.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Antigamente, segundo Magna...

[ENTREVISTA - MAGNA]

A gente não tinha energia, mas a gente também era feliz, porque à noite a gente ia para casa dos tios e a gente ficava brincando no quintal à luz da lua. Então, a gente

tinha... fazia cânticos de roda com a luz da lua, hoje não tem mais isso. Hoje as pessoas não querem mais essas diversões.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Hoje em dia, Magna acredita que a diversão ficou mais restrita às telas, seja do celular, seja da televisão. Ainda assim, ela busca preservar, da maneira que pode, tradições que, em vez de serem esquecidas, eram difundidas entre as crianças e moradores do Sinzoca quando a unidade de ensino da comunidade, a Escola Municipal Inocêncio Santos, ainda funcionava. Uma dessas tradições era o cântico do pilão de aroeira.

[ENTREVISTA - MAGNA]

Essa história do pilão, segundo os meus avós, eles falaram assim: que na época, o pessoal era bem sofrido, então, que eles tinham muita dificuldade. Enquanto eles estavam pilando milho, alguma coisa, eles criavam os cânticos para desfazer aquela tristeza. Então quando eles estavam cantando para eles, era um motivo de alegria, então o cântico foi criado por isso, ele é bem grande, vai contando várias histórias, é uma história. **Afonso:** Cê se importa de cantar um trecho? **Magna:** Do pilão?

Afonso: O cântico do pilão. **Magna:** É... É assim. (Começa a cantar) “Oh pisa pilão de aroeira, faz cavaco voar, oh pisa pilão de aroeira, faz cavaco voar, vem cá mamãe, vem ver, a pilada do pilão bater, a pilada do pilão bater, vem cá mamãe, vem ver”.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Além de guardar os versos do cântico na memória, Magna também guarda em seu quintal o pilão que era utilizado em apresentações que ocorriam tanto na escola do Sinzoca quanto em outras localidades. Tem inclusive uma foto do objeto na página deste episódio em nosso site.

[ENTREVISTA - MAGNA]

O pilão... esse pilão a gente já levou ele para Conquista, fazer umas apresentações. Teve um 7 de setembro que na época a gente levou, fez um desfile com esse pilão. Então a gente tinha uns cânticos que usavam esse pilão para fazer esse cântico, então era muito interessante.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E era também, segundo Magna, uma construção coletiva que envolvia a escola, os alunos, o professor e, principalmente, a própria comunidade.

[ENTREVISTA - MAGNA]

Magna: A gente tinha uma ligação muito forte da escola com a comunidade. Inclusive, todo o material de apresentação era feito a gente, né, a gente e o professor. E hoje a gente vê que é uma ligação bem distante, bem distante mesmo, mas era... era bem ligada a escola com a comunidade. **Afonso:** E você pode me narrar um pouco sobre como que a comunidade recebeu a notícia de que a escola ia ser fechada? Como foi... O que você lembra, por exemplo, do dia em que isso aconteceu? **Magna:** Olha, eles simplesmente desativou a escola, não comunicou a comunidade. O que eles fizeram foi: chegou na comunidade: “Amanhã não tem mais aula aqui”. Que estava tendo aula. Não foi uma coisa que... assim. “Tal mês vai fechar”. Não foi isso. Chegou: “A escola está desativada”. Simplesmente isso.

[LOCUÇÃO - KARINA]

De acordo com Magna, tudo aconteceu sem qualquer diálogo com a comunidade. E os alunos foram então transferidos para uma instituição de ensino de um povoado vizinho, chamado Roseira.

[ENTREVISTA - MAGNA]

Karina: E deram alguma justificativa de porquê? **Magna:** A quantidade de alunos que era... que era insuficiente para manter uma escola. E hoje está na Roseira uma quantidade imensa, muitos alunos, que não dá nem para ficar na escola, mas tem que estar, porque eles levaram tudo. Eles desativaram todas as escolas da região, ficou só Roseira. **Victória:** E a comunidade chegou a... **Magna:** Isso, a gente tentou, mas a gente não conseguiu. **Afonso:** Vocês tentaram de quais formas? **Magna:** Fomos procurar a Educação... a Secretaria de Educação, até para a gente falar o seguinte: “os alunos têm dificuldade para sair aqui do quilombo”. Hoje não tem no momento, mas nós moramos em um local que quando chove a gente não sai daqui. A gente não tem como sair do quilombo, a gente fica preso aqui, já ficamos... já ficamos ilhados aqui por muito tempo. Então a dificuldade é essa, quando chove os alunos têm dificuldade de ir para a escola porque não têm condições, o carro nem entra nem sai aqui da comunidade. **Afonso:** Então eles ficam sem aula, praticamente. **Magna:** Já ficou sem estudar por muitos dias.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E para além disso, tem a consequência que parece invisível ou pouco evidente, mas que é tão real quanto a privação do acesso à escola em dias de chuva...

[ENTREVISTA - MAGNA]

Lá na escola onde eles estão, acredito eu que eles nem sabem que eles são quilombolas, porque lá não falam isso. Não tem isso nas outras escolas, na Roseira. Não tem. Então, assim, é uma coisa que os alunos vão deixando pra trás, vão esquecendo, né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Quem teve a oportunidade de estudar os primeiros anos do ensino fundamental no próprio quilombo do Sinzoca e vivenciar as tradições da comunidade no ambiente escolar reconhece hoje a importância de uma educação que respeite sua identidade, sua cultura e seus valores. É o caso, por exemplo, da filha de Magna, a estudante de Psicologia Bruna Novais de Oliveira. Ela lembra que, no dia a dia da escola, aprendia não só os conteúdos curriculares de disciplinas como Português e Matemática, mas também...

[ENTREVISTA - BRUNA]

...fazia outras atividades que buscavam muito esse tema de reconhecimento daquilo que a gente é, né? De sermos quilombolas, de sermos remanescentes. Então, trazia toda a história, não só a história do Brasil, mas a história da nossa comunidade. E tinha muitas atividades, muitas, muitas atividades mesmo voltadas a isso e não era só ali dentro do ambiente escolar, a gente explorava o campo também. **Afonso:** Vocês saíam assim? **Bruna:** Sim, geralmente a gente saía para fazer atividades aqui no campo de futebol ou deslocava para algum outro lugar pra fazer fora. Aqui tem uma árvore que é bem conhecida, que no... ficava antes na próxima casa do meu bisavô. Então, a gente explorava bastante esses lugares para fazer atividades fora da sala de aula, que eram atividades educativas, mas não só com esse fim, né? Eram atividades de lazer também. **Afonso:** E que permitiam vocês conhecerem melhor o lugar de onde vocês são, né? **Bruna:** Sim. Inclusive a partir disso a gente foi conhecendo também a história que para ser reconhecida como quilombo a comunidade, vieram pessoas e vieram pesquisadores, entrevistaram os mais velhos e, assim, tudo isso era passado para a gente, sabe? Que era, teve toda uma explicação voltada a essa questão de que aqui, inclusive aqui nos fundos de casa que funcionava, tipo, não é fábrica, mas era um lugar onde as pessoas faziam painéis de barro e, assim, vem toda, tem toda uma história ali que a gente, as pessoas da minha idade, acabou conhecendo. **Afonso:** E para você, como você enxerga o fato de as crianças atualmente não terem acesso a isso

pelo fato da escola ter sido fechada? **Bruna:** Assim, para mim é muito triste porque eu acho que acaba morrendo um pouquinho de tudo, sabe? Da cultura, da educação, porque eu cresci com esse intuito de conhecer mais e, assim, quando eu estava ali na escola aprendendo, eu não sabia que hoje eu estaria ali na associação de agricultores ajudando ali a fluir projetos, né? A conquistar coisas aqui para a comunidade.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Outra pessoa que, assim como Bruna, teve a oportunidade de cursar o ensino fundamental 1 na própria comunidade foi a estudante de Pedagogia Dhovana Rosa de Jesus. Atualmente, ela representa o Sudoeste Baiano no Fórum Estadual de Educação, integra a Comissão de Educação do Conselho Quilombola e milita ainda no Movimento Negro Unificado. É com orgulho e com um sorriso esboçado no rosto que ela conta pra gente da sua origem.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

Sou literalmente nascida e criada na comunidade quilombola de Sinzoca. Eu nasci por mãos de parteira, minha avó. No caso, então, eu literalmente sou...

[LOCUÇÃO - KARINA]

Dhovana destaca que sua mãe foi uma das principais lideranças do Sinzoca a atuar na luta pela certificação da comunidade enquanto quilombo, o que ocorreu em 2007. Por isso, desde cedo, ela afirma que passou a ter consciência da importância de se autoidentificar como quilombola. Quando lembra do tempo em que estudou no Sinzoca, a primeira coisa que vem à sua mente é um projeto que ficou conhecido como Semana Cultural, desenvolvido graças à mobilização de alguns professores e ao envolvimento direto de toda a comunidade.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

Vocês não têm noção do quão a semana cultural foi marcante pra gente. Foi o que abriu as portas pra mim na questão de gostar de teatro, de gostar das artes marciais. Mesmo eu não tendo ido pra capoeira, mas eu mantive um pezinho na arte, né? Da defesa pessoal. E era um resgate muito grande pra gente. De voltar a sentir o batuque. Sabe? Muita gente não entende quando a gente escuta um samba de roda. Eu falo. Quando a gente escuta um samba de roda, é automático. É como se ele batesse lá no fundo da nossa alma. E eles trouxeram isso pra gente. O retorno ao samba de roda, a descobrir a cultura, descobrir o porquê que o nome da nossa comunidade é Sinzoca, a estar pesquisando mais, a estar se aprofundando

mais, a estar querendo estar dentro da luta pelos nossos direitos, pelo que é nosso, sabe?

[LOCUÇÃO - KARINA]

Ainda de acordo com Dhovana, a programação da Semana Cultural abordava diversos outros aspectos da cultura negra e quilombola.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

A gente tinha a questão das comidas, que a gente resgatou a questão da comida, da comida feita nos quilombos, que era o beiju, sabe? Só que não o... porque quando a gente fala beiju de mandioca, muita gente acredita... lembra... remete às questões indígenas. Mas tinha um jeitinho diferente de ser feito, de ser pilado no pilão e tudo mais, que tinha aquela questão... A... a questão das aulas de capoeira que a gente tinha, que a gente conheceu a história de... que a gente assistiu ao filme “Besouro”, que a gente foi descobrir grandes nomes de mestres de capoeira. A... A questão das peças teatrais que a gente desenvolvia nos projetos onde a gente falava da questão das fugas dos escravos, como eram feitas essas fugas, como era a senzala na época, como foi a questão dos nossos orixás. Por exemplo, muita gente associa, né? Faz associações demoníacas com os orixás sem saber da nossa cultura e até então a gente também fazia porque a gente não conhecia. A gente não sabia e indo a fundo na semana cultural a gente descobriu o porquê da substituição de nomes, as trocas, que era simplesmente para poder adorar, fazer os cultos religiosos sem que os senhores castigassem todo mundo, sem que a gente fosse condenada por coisas simples. E era uma troca de conhecimentos das comunidades, porque outras comunidades vinham pra nossa, traziam os seus conhecimentos e isso era muito bom. Era uma troca grandiosa de cultura.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Foram experiências como essa, vivenciadas na escola, dentro da sua comunidade, que ajudaram Dhovana a entender suas origens e a importância de se reconhecer enquanto uma mulher negra e quilombola.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

Quando eu pude, enfim, bater no peito e falar assim, eu sou que eu venho de, uma descendente de reis, rainhas, que foram tiradas da sua terra e trazidas pra cá. Quando eu pude fazer isso, eu acho que eu me entendi como ser humano. Eu me entendi, entendi o meu lugar aqui.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Apesar de morar na zona urbana de Conquista pra poder cursar Pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a UESB, Dhovana compreende bem os impactos do fechamento da escola de sua comunidade não só pelo fato de ter sido ex-aluna e de estar se formando na área da Educação. Ela fala também do lugar de mãe.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

Eu fui mãe num contexto de final de curso... final de, de, de formação do ensino médio, terceiro ano. Tinha acabado de terminar o ensino médio e engravidei.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Foi logo depois que concluiu o ensino médio, cursado no Colégio Estadual de José Gonçalves, na sede do distrito, que o pequeno Arthur Gabriel chegou na vida da futura pedagoga. Hoje, aos 7 anos, ele mora junto com a avó, no quilombo do Sinzoca. A estudante até tentou obter uma vaga para o filho na Creche da UESB, mas não conseguiu.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

Eu não pude trazer ele porque não tem... não tem com quem fique ele aqui, com quem ele fique aqui. Então a minha mãe fica com ele pra mim. Então ele tem, querendo ou não, ele tem que estudar lá na comunidade. **Karina:** Então, ele estuda lá na Roseira. **Afonso:** Meu Deus. **Dhovana:** Isso. Fica com a minha mãe porque eu não tenho como trazer ele pra cá. **Afonso:** Então seu filho ele tá vivenciando exatamente essa realidade, essa problemática que a gente está discutindo. **Dhovana:** Sim, ele tá vivenciando isso. **Karina:** Porque ele tá, ele tem 7 anos? **Dhovana:** Ele tá no Fundamental 1. **Afonso:** E agora, como é pra vocês enquanto mãe saber disso? E... Ainda mais... **Karina:** Porque você também tá com essa... **Afonso:** Exato. **Dhovana:** É revoltante. É revoltante ver isso. Porque eu não era meu filho perder parte de coisas que eu vivi. Eu queria muito que o meu filho vivesse uma semana cultural. Nossa, meu sonho era ver ele participando de tudo que eu participei. Era ver ele entendendo o que que é tá no Sinzoca. Era ver ele participar de tudo ali dentro. Era ver ele criar os sonhos dele ali dentro. Eu tô me formando em pedagogia porque eu quero desenvolver pesquisas da educação que... voltadas pra minha comunidade, voltadas pra o meu povo. Entende? Eu queria que meu filho desenvolvesse esse amor dele pela comunidade dele, dentro da comunidade dele. Ele fala pra mim que ele quer ser doutor. Ele não especifica qual doutor ele quer ser. Mas se meu filho tiver vontade de ser um... um, um, um

grande cardiologista ou um advogado. Eu queria que ele aprendesse a ter esse amor pra ele poder trabalhar pra comunidade dele. Pra ele devolver pra comunidade dele tudo que ele conquistou ali dentro. Entende? E ver isso, ver isso, ver isso se perdendo, é triste. Ver meu filho querer falar que ele é de uma comunidade quilombola e, de certa forma, ele ser proibido de falar, é triste. É triste porque eu vejo como as pessoas olham pra ele quando ele fala. E eu falo pra ele: “Ó, que se dane o que os outros vão falar, você pode falar. Fale, grite, que se dane o resto do mundo. Você é o primeiro, você tem que ter ciência de quem você é. Se você saber quem você é, você vai saber quem é o resto das pessoas. Entenda de onde você veio, agradeça o lugar de onde você veio e respeite, principalmente, o lugar de onde você veio. Respeita suas raízes, respeita suas origens, respeita os que vieram de você e os que te passam conhecimento hoje. Porque é a base”. Eu sou filha de uma mulher preta que correu atrás do reconhecimento da comunidade dela. Eu sou neta de uma benzedeira parteira que passou por muita, mas muita dificuldade pra criar os filhos. E eu sei da construção de caráter que a minha mãe me deu, não só pra mim, mas pros meus irmãos, mesmo tendo todas as dificuldades que a gente tinha. E eu quero que meu filho tenha noção disso. E eu sei que boa parte disso vai ser perdido com ele fora da comunidade.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Ter uma escola em um quilombo e garantir uma educação que respeite a cultura das comunidades tradicionais ajuda as crianças a construir referências de pertencimento e de identificação, a valorizar os saberes dos antepassados e a participação daqueles mais velhos que são os principais responsáveis por guardar a memória e a história dos seus territórios e repassá-la adiante. Ajuda também a compreender que os quilombolas são iguais na sua condição humana, mas diferentes no seu modo de vida e nas formas de se relacionar com o mundo. É tudo isso, que, segundo Dhovana, Arthur Gabriel e outras centenas de estudantes estão perdendo com o fechamento de escolas quilombolas. Um levantamento feito pela 2ª Regional da Defensoria Pública do Estado da Bahia, em 2022, apontou que 93% dos alunos oriundos de quilombos conquistenses não estudam em suas próprias comunidades.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

Então, a partir do momento que elas são removidas dali, elas estão perdendo uma parte essencial da história delas. Que é necessária para a sua construção de pessoa. Porque a partir do momento que você é retirada da comunidade, você chega lá na frente, a pessoa pergunta para você, como eu já vi acontecer, é... qual a cor da tua pele? E a pessoa vai falar assim: “Ah eu sou parda”. Sendo que ela... você olha para ela, você vê a quantidade de melanina. Você vê as características,

os traços. Então você para e pensa, poxa, cadê dentro da identificação? Onde é que está esse reconhecimento?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

O que Dhovana descreve tem nome e precisa ser dito. Etnocídio.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

É uma... é um assassinato cultural. É um assassinato histórico. E o pior de tudo isso é ver que o governo em si não tá nem aí. Que o governo do nosso, do nosso, do nosso... município não tá nem aí, não tá ligando pra isso. E o que mais... o que mais é... o que é mais chocante é saber que tem pessoas que apoiam isso. Que simplesmente fecham os olhos e... “Que se dane”.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Segundo a estudante, há uma relação direta entre o fechamento de escolas quilombolas em Vitória da Conquista e a forma como a política social e educacional do município passou a ser conduzida a partir de 2017, na gestão do ex-prefeito Herzem Gusmão Pereira, do MDB. Uma política que, segundo a estudante, continua em curso no governo da sucessora de Herzem, a atual prefeita, Sheila Lemos, que integra o União Brasil.

[ENTREVISTA - DHOVANA]

Quando Herzem Gusmão ele assumiu a Prefeitura juntamente com a sua vice que agora é a nossa “prefeita da Olívia”, é... houve a exclusão das comunidades. Questão de sua infraestrutura, questão de abastecimento de água, questão de... questões simples como a merenda escolar. Foram excluídas. Teve... Foi pessoas que foram demitidas, pessoas que perderam seus empregos e o baque do fechamento das escolas. Que primeiro até onde eu sei deveria ter tido uma assembleia com a comunidade perguntando se estava ok, saber quantos alunos estavam, e não houve nada disso. Retiraram tudo que a gente lutou para conseguir pra a escola, que até agora eu não sei onde está, pra onde foi, porque não foi dado um respaldo para a gente de onde iriam ser colocadas essas coisas. E simples foi isso, fechou e vamos colocar as crianças em outro lugar. Vamos realocar as crianças e pronto, acabou.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A falta de diálogo da gestão municipal com as comunidades quilombolas antes do fechamento de unidades de ensino é algo que se repete em quase todas as histórias que ouvimos para esta apuração. Na grande maioria dos casos, foram tomadas decisões unilaterais, que não levaram em conta as considerações, muito menos as manifestações contrárias de moradores desses territórios. Foi o que aconteceu também com a Escola Municipal Teófilo Lemos, de Riacho de Teófilo, e com a Escola Municipal Jorge Amado, que assim como a escola do Sinzoca, funciona há dois anos como abrigo provisório para uma família desalojada pelas chuvas de 2021, no quilombo de Manoel Antônio. Ambas instituições ficam na região do Pradoso, em Vitória da Conquista, e foram desativadas em 2019. Segundo a líder comunitária Ramônica Santos Mendonça, que é secretária da associação quilombola do Oiteiro, que representa as duas comunidades, não houve aviso prévio nem sequer uma justificativa para o fechamento, o que contraria a Lei nº 12.960, de 27 de março de 2014. De acordo com essa legislação, a desativação de escolas do campo, indígenas ou quilombolas não pode acontecer sem que órgãos normativos como os Conselhos Municipais de Educação sejam consultados. Além disso, a lei estabelece que a comunidade escolar também deve ser ouvida. Já a Secretaria de Educação precisa justificar a necessidade de encerramento das atividades da escola. Mas nada disso aconteceu no território do Oiteiro. E a Prefeitura também não respondeu aos nossos questionamentos sobre esse assunto.

[ENTREVISTA - RAMÔNICA]

Do nada, simplesmente chegaram e só avisou: “Hoje não tem aula aqui, vamos fazer o remanejamento das crianças pra escola do Riacho”. Pegou as crianças, botou no carro e levou, abriram a escola, pegaram todo o material que tinha dentro e carregou. No dia seguinte que o pessoal... A gente começou a ouvir os burburinhos, as mães reclamando, questionando o que tava acontecendo, eles vieram e pegaram as crianças do Riacho e levou pra escola da Lagoa. Não teve nada. Simplesmente chegaram do dia pra noite... Assim, passou o domingo, todo mundo muito bem, obrigada, na segunda-feira, chegou com a notícia de que as escolas seriam fechadas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Os alunos foram transferidos para a Escola Municipal Alfredo Brito, que fica em Lagoa de Maria Clemência, outra comunidade quilombola pertencente ao mesmo território de Manoel Antônio e Riacho de Teófilo. Mas, segundo Ramônica, a intenção da Prefeitura era fechar absolutamente todas as três unidades de ensino do território. Com isso, os alunos teriam que ir estudar em um local ainda mais distante, na sede do distrito do Pradoso. Ainda de acordo com ela, isso só não

aconteceu porque os moradores tiveram tempo de se mobilizar e, assim, impedir mais um fechamento, após protestos e reuniões com a Secretaria Municipal de Educação. Mas apesar de seguirem estudando em uma escola quilombola, outras dificuldades se impõem no caminho de muitas crianças dessas localidades.

[ENTREVISTA - RAMÔNICA]

A gente em crianças de 5 anos que anda uma hora de relógio pra poder chegar na escola. Na escola não, no ponto de ônibus para chegar na escola. A gente.. eu tenho uma família aqui.. Elaine Gente, quando chove eles atravessa rio, passa por dentro de carreira, no mato. É... de certa forma correndo risco pra poder chegar no ponto de ônibus. É bem complicado, bem complicado mesmo. Estrada, ou bom ou ruim a gente tem, né? Tem estradas que realmente não dá para alguns serviços, mas eu acredito que para um transporte, dá para ir tranquilo. Uma vez que... quando você tem que andar oito quilômetros pra poder chegar no ponto de ônibus pra pegar um transporte pra ir pra a escola, muitas crianças e muitos pais acabam desistindo, isso desestimula muito, né. Viola os direitos da criança em questão de, de educação.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Outro problema que os estudantes enfrentam é a superlotação na Escola Municipal Alfredo Brito. Com a transferência de alunos de outras comunidades para a instituição, o espaço ficou pequeno para comportar a quantidade de crianças dos oito quilombos que compõem o território. Diante disso, foi preciso transformar a sede da associação de Lagoa de Maria Clemência em uma sala de aula improvisada, o que a Prefeitura também não justificou à nossa reportagem. Foi nessa sala que conversamos com alguns moradores do quilombo, como a líder comunitária Janete dos Santos Viana.

[ENTREVISTA - JANETE]

Tá aqui porque não tem outra alternativa, não vai deixar as crianças sem aula pra que eles percam, né, o aprendizado deles. Mas tá aqui porque não tem outro jeito. Porque todos tá vendo que aqui é insuportável de calor. Então, as crianças fica aqui, de manhã até que não é tão assim, mas à tarde, olha pra vocês ver as condições. E aí fala com o secretário, a gente teve lá na Secretaria, a gente conversou com o secretário. Ele prometeu que vinha fazer uma sala de aula e até hoje nada. Veio aí mediu, fez não sei o que, mas nada, mas até agora nada.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Hoje quem chefia a Secretaria de Educação de Vitória da Conquista é o professor e advogado Edgard Larry. Mas além de descumprir a promessa citada por Janete, sua pasta segue ignorando os impactos que o fechamento de escolas quilombolas gera e ainda pode gerar para as comunidades certificadas pela Fundação Palmares no município. E é por isso, que segundo a líder comunitária, os moradores da região de Lagoa de Maria Clemência lutaram e continuarão a lutar para que a última escola do território não seja desativada.

[ENTREVISTA - JANETE]

Então, qualquer região que você for, que não pertence a um quilombo, não vai ser falado de quilombo. Então, essa é uma região que você mora, que você convive, que você vai ter é... como que eu posso dizer... uma orientação, uma fala de alguém mais velho, de um avô, de um parente, que aqui é quilombo, que aqui pertence a quilombo e quem eram os primeiros moradores daqui. Eu tenho um sobrinho de 5 anos e é.. estuda aqui... ir pro Padroso, ele tá começando a vida dele como estudante. E aí ele vai saber de nós aqui como quilombola? Mais tarde ele vai ter que saber e não vai ter conhecimento. Então, vai se perder. A história nossa vai se perder. Então, por isso a gente brigou e a gente vai brigar por isso, pra que não saia... já fechou as duas e essa não vai fechar. A gente não vai deixar, porque nós não vamos nos perder aí. Porque o quilombo nosso é o mais velho que existe aqui na nossa região. Então se a gente deixar perder, nós moradores, a nossa história, a gente vai deixar afundar. Então, nós não podemos deixar isso.

[LOCUÇÃO - KARINA]

As diversas opiniões que ouvimos sobre esse assunto ora se complementam, ora se assemelham. Para o engenheiro Marinaldo Carvalho, o fechamento de uma escola quilombola representa a perda de uma referência para a comunidade e para as crianças que vivem nela. É disso que ele mais sente falta quando lembra da Escola Municipal Benedito Fortunato da França, fechada em 2018 no quilombo do Velame, onde ele mora com a família.

[ENTREVISTA - MARINALDO]

Aí vai pra outros, outros canto, aí num tem essa referência, né? Do histórico, né. Eu lembro bem de quando tinha lá a professora que dava aula lá ele... ela fazia piquenique, por exemplo, num pé de barriguda. Aí ia lá no pé de barriguda e ela ensinava pras criança: “Ó aqui é pé de barriguda. A origem dessa barriguda foi Benedito, fundador da comunidade, que trouxe pra cá, né? Aqui são três barrigudas porque é referente às três comunidade, né?” Né? “Ele foi pra o Velame, mas ele, ele plantou três barriguda e cada barriguda representa uma comunidade que ele

fundou. É. Cachoeira dos Pórco, Furadinho e Velame. Três barriguda.” Né? Então as criança já vai sabendo o histórico da, da comunidade, entendeu? Agora fora a pessoa num faz mais isso, num tem como fazer mais esse tipo de atividade, né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

No quilombo de Lagoa dos Patos, a Escola Municipal Joaquim Manoel de Macedo foi fechada em 2020 pela Prefeitura Municipal, sob a justificativa de que a instituição atendia a um número pequeno de alunos. Diferentemente de outros casos que ouvimos, por lá, até teve um diálogo da direção da escola com pais e mães dos estudantes. Porém, os gestores da associação quilombola que representa a comunidade não foram convidados para a conversa, conforme nos contou a atual coordenadora, Maria Aparecida Souza.

[ENTREVISTA - CIDA]

No dia da reunião que eles iam comunicar que ia desativar a escola, a diretora como ela me conhece, e ela conhece a associação, o que que ela fez? Ela marcou a reunião só com pais e mães... Então, aconteceu essa reunião. A associação não foi convidada. Lógico, eles não tinham interesse na associação lá. Aí as mães foram pra essa reunião. Aí ela... Diz que começaram a dizer pras mães, né, que levando os filhos delas pra... pro Moisés eles iam ficar cada um na sua série, com professor direcionado pra eles, que o ensino é melhor, lógico, né? O ensino é melhor, que eles ia ter um transporte exclusivo só pras crianças pequenas da comunidade, com o monitor. Aí as mães caíram, lógico. Todo mundo se viu com o filho lá... o maior, o inteligente, que ele ia sair de lá formado. Aí o que aconteceu, a gente só recebeu a notícia: “não, a escola não vai funcionar mais, as mães concordaram”. Fizeram as mães assinar uma ata. Como elas concordavam... elas assinaram. Aí a Associação ficou... Nós chamamos as mães em reunião depois. Elas falou assim: “Não, nós queremos que nossos filhos estudem numa escola melhor, com ensino melhor. Então nós não queremos que a associação aja neste momento”.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Com o consentimento dos pais formalizado em ata, mas sem o aval da associação, os alunos foram então transferidos para a Escola Municipal Moisés Meira, localizada na sede do distrito de José Gonçalves.

[ENTREVISTA - CIDA]

Depois a gente teve a reunião com o secretário Larry, aí ele falou assim: “E aí Cida, vai fazer o quê?” Eu falei: “Infelizmente, o senhor conseguiu. Vocês conseguiram,

porque as mães estão lá deslumbradas com o ensino que vocês mostraram pra ela e que não é a realidade. Isso não vai acontecer”. Aí depois que que aconteceu? Ele falou assim: “Cida, então o que que a gente vai fazer com a escola?” Aí eu pedi pra ele que a escola ficasse no poder da comunidade, da associação, pra que houvesse os eventos, houvesse as reuniões da associação, e se tornasse a sede da associação. Aí ele pediu pra que levasse a documentação pra que fizesse tudo legalizado e ficou. Aí já veio a bomba. Quando veio o transporte buscar os meninos. O mesmo ônibus que ia pra comunidade de Itaipu, que entrava embaixo do Cedro é que tava pegando os meninos pequenos daqui. Então, o ônibus lotado, totalmente inseguro, com meninos pequenos de cinco anos, quatro anos em pé, sem monitor. Aí eu falei: “oh gente...” Aí... (risos) Um dos tesoureiro da associação falou assim: “A gente podia não fazer nada...porque elas queriam destruir a associação quando a gente falou que não tinha que desativar a escola que tava errado, que a gente ia lutar pra num desativar a escola. Mas elas quiseram, e elas queriam até te botar fogo aí. Tu vai lutar por esse ônibus?” Eu falei: “Vamos, nós vamos”. Ele: “Eu num vou fazer nada.” Eu falei: “nós vamos”. Peguei o oficiozinho com a minha cara de pau, e fui. Com Larry de novo ele marcou reunião. Aí foi com o conselho todo, com o Conselho Quilombola, que tinha muitas queixas. Aí agora, a gente tem um ônibus exclusivo pros meninos, e tem monitor. A monitora é daqui da comunidade. Isso a gente conseguiu, mas eu acho que nós fomos derrotados. Foi uma perda enorme por a gente ter uma escola desativada. Escola não é pra ser desativada.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Ao fechar escolas quilombolas, a Prefeitura de Vitória da Conquista age na contramão de leis e princípios constitucionais que atestam o direito das populações quilombolas a uma educação diferenciada, desde pelo menos 2002, com a instituição das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. No início daquela década, essas diretrizes já indicavam a necessidade de propostas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e humana presente nas áreas rurais do país.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Outro importante marco legal nesse sentido veio um ano depois, em 2003, com a Lei nº 10.639, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o estudo e ensino das relações étnico-raciais e da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas públicas e privadas do Brasil. Apesar de não ser específica para quilombos, a 10.639 abriu os caminhos para a construção de propostas educacionais direcionadas para as comunidades remanescentes, até porque não dá pra falar de história e cultura afro-brasileira sem

abordar a formação dos quilombos. Entretanto, foi só em 2012 que a educação escolar quilombola se consolidou, de fato, como uma modalidade de ensino.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Aquele foi o ano em que o Conselho Nacional de Educação publicou, no Dia da Consciência Negra, a resolução que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, estabelecendo uma regulamentação específica para os quilombolas em nosso sistema educacional. A resolução também definiu que escola quilombola é toda e qualquer unidade educacional localizada em um território certificado como remanescente de quilombo. Esse, portanto, foi mais um fruto da luta histórica do movimento negro e quilombola do país.

[LOCUÇÃO - KARINA]

As diretrizes da educação quilombola estabelecem que é responsabilidade da União, dos Estados e Municípios garantir o apoio técnico e pedagógico a estudantes, professores e gestores de escolas quilombolas. Além disso, o Poder Público deve ofertar ainda os recursos didáticos, tecnológicos e culturais que atendam às particularidades dos territórios nos quais essas instituições de ensino funcionam, sem desconsiderar nem a educação comunitária e nem a base comum curricular do ensino básico.

[ENTREVISTA - FLÁVIO]

É nisso que se constrói a educação escolar quilombola. Ela não é só uma coisa ou outra, ela é a, a, a, o atravessamento, a costura bem feita, pedagógica, que exige investimento, que exige formação dos professores, que exige desconstrução da perspectiva colonial, racista...

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Essa voz é do professor Flávio Passos, mestre em Ciências Sociais pela PUC São Paulo e doutorando em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Ele ministra aulas de Filosofia e Sociologia na Rede Estadual de Ensino e integra o Fórum Permanente de Educação Escolar Quilombola da Bahia. Para o pesquisador...

[ENTREVISTA - FLÁVIO]

Pensar a educação escolar quilombola é pensar o diálogo dessa escola com as pessoas mais velhas, com as religiões que estão ali, com os saberes das ervas, com o sentido daquela árvore que está no meio da comunidade, que a comunidade

a reverencia silenciosamente mas que ninguém bole, porque ela representa a comunidade, é aquele rio que aquela comunidade tem uma história, são aquelas cercas que dizem que a comunidade resiste contra os fazendeiros que tentam jogar suas fazendas por cima da comunidade. Antes da educação escolar e quilombola existe a educação quilombola, que está lá na comunidade, que são os valores, os saberes, os sabores, as práticas comunitárias. Aquilo ali constitui o povo. O legado africano, o legado indígena concentrado naquelas comunidades pela oralidade, pelas práticas dos mais velhos que vai dizendo que aquela comunidade é... possui uma relação por exemplo com a terra diferenciada do fazendeiro, que vê a terra como um objetivo de lucro, e passível de estender esse lucro e seu objetivo por cima das terras que estão ali vivenciadas como uma parte integrante da comunidade.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A professora Niltânia Brito Oliveira, que atua na rede municipal de ensino há 30 anos e pesquisou a política da educação escolar quilombola em Conquista, complementa a afirmação de Flávio ao destacar como a relação estabelecida entre os quilombolas com o território onde vivem impacta diretamente na formação identitária dessa população.

[ENTREVISTA - NILTÂNIA]

O campo, a terra para o quilombola, a terra para o homem do campo é vida, é continuidade, né? Então as características que você começa a identificar é que é passado de pai para filho. A terra não é mercadoria, o campo não é visto como uma mercadoria, né, o campo é para os camponeses, para os quilombolas, o campo é visto como lugar de existência, lugar de continuidade, lugar de preservação das suas manifestações culturais, de preservação do seus saberes, de preservação da sua história e de continuidade, é o seu lugar, é o marco da sua identidade.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É justamente por isso, inclusive, que as diretrizes curriculares da educação escolar quilombola orientam ao Poder Público que os profissionais contratados para atuar nas escolas localizadas em quilombos sejam, preferencialmente, pessoas que compõem a própria comunidade.

[ENTREVISTA - NILTÂNIA]

Por quê? Porque conhecem as tradições, porque conhecem a história, porque sabem quem são as pessoas que lá estão, porque sabem as especificidades, as

necessidades. Então essa pessoa vai ter muito mais condição de contribuir dentro dessas comunidades do que uma educação que já vem toda pautada, definida por um grupo seletivo que simplesmente quer impor dentro das comunidades quilombolas sem ouvir as comunidades quilombolas, sem saber o que... o que elas necessitam para a continuidade dessas tradições, para a continuidade da sua cultura.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Mas o que a professora Niltânia descobriu em sua pesquisa de mestrado é que, na prática, as coisas são um pouco diferentes do que está na lei. Ela analisou a política da educação escolar quilombola de Vitória da Conquista no período de 2012 a 2017. Até 2016, a gestão municipal estava sob o comando do PT, que só saiu do poder após a derrota para o radialista Herzem Gusmão Pereira nas eleições municipais daquele ano. Em 2017, quando o ex-prefeito já tinha assumido a Prefeitura, ainda havia dezenas de escolas quilombolas ativas no município. E o que a pesquisadora constatou é que apenas 20% dos professores que atuavam nessas unidades de ensino pertenciam à comunidade onde trabalhavam.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Como se isso não bastasse, 80% dos educadores não eram nem efetivos. E a maioria deles não tinha sequer vinculação com as questões étnico-raciais. Sabe o que isso quer dizer? É que nem sempre ter uma escola dentro de um quilombo significa ter uma educação escolar quilombola efetiva, como preconiza a legislação ou como acontecia, por exemplo, no caso do Sinzoca, que segundo Niltânia, era mais uma exceção do que uma realidade comum nas escolas de outras comunidades quilombolas de Conquista. Nesse sentido, há algo que tanto pra ela quanto para o professor Flávio Passos é bastante claro.

[ENTREVISTA - FLÁVIO]

Hoje a gente vê o fechamento de escolas nas comunidades quilombolas... é um fechamento que antevê, se antepõe à efetivação da educação escolar quilombola. A gente precisa entender isso como um projeto político e entender que a sua efetivação vai demandar da parte da comunidade, da parte das comunidades, se houver tempo, é... uma conscientização.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Uma conscientização que faça valer um projeto que se contraponha ao que está posto.

[ENTREVISTA - NILTÂNIA]

Então, existe um projeto muito bem definido e existe o projeto da classe trabalhadora, que são projetos totalmente distintos. Então tudo que está sendo pensado é para descaracterizar a educação quilombola, para descaracterizar o trabalho que é feito, desenvolvido dentro dos quilombos, para que se possa dar visibilidade, notoriedade ainda mais para esse projeto do branqueamento, esse projeto que vai simplesmente fazer com que os sujeitos quilombolas, fazer com que a comunidade perca seu espaço, ela perca a oportunidade de fortalecer ainda mais as suas referências, a sua existência enquanto sujeito. Então é uma negação do direito que vai o quê? Vai trazendo cada vez mais os sujeitos quilombolas para uma invisibilidade, para que a gente não tenha esse espaço nosso garantido como sendo um espaço necessário de continuidade. Então é meio que tentar, a meu ver, é essa tentativa mesmo, de dizimar toda a história dos povos quilombolas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E dizimar a história de um povo, negando a ele o seu direito a uma educação emancipadora, é uma das maneiras mais perversas de apagar sua identidade étnica e política.

[ENTREVISTA - FLÁVIO]

Quando eu não sei quem eu sou, eu terei vergonha de afirmar o que eu sou. É só isso. Por isso que a solução passa pela educação. Se o trabalhador não sabe que ele é explorado, ele vai se pensar um potencial rico. Se a mulher não sabe ser explorada e detentora de direitos de igualdade e que ela não pode ser transformada num objeto da violência, da prepotência machista, ela vai reproduzir o machismo. Isso vale para o homossexual, isso vale para os negros, isso vale para os quilombolas... Para todas as categorias, todo... para os idosos, todos os segmentos sociais, a não consciência de si é uma... é um projeto político. Parecia que seria fácil muitas coisas nesse país, há vinte anos atrás, a conquista de direitos, consolidação de direitos, né? Mas a gente talvez subestimou a força poderosa, destruidora de quem sempre deteve o poder. Não basta termos governos eleitos democraticamente. A gente precisa formar redes de, de construção, de preservação do mínimo que a gente ainda tem, que a gente já teve bem mais... A gente percebeu que poderia perder tudo e talvez a gente não perceba que estamos perdendo tudo, em termos de bases da democracia.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

O Conquista Repórter solicitou esclarecimentos da Prefeitura de Vitória da Conquista acerca das denúncias e relatos apresentados nesta reportagem. Nem todos os questionamentos foram respondidos. Mas em nota encaminhada à nossa equipe por WhatsApp, a Secretaria Municipal de Educação informou que tem feito investimentos nas 12 escolas quilombolas que seguem ativas no município e também nas unidades de ensino que atendem alunos oriundos de quilombos rurais. Segundo a pasta, dez dessas escolas receberam melhorias ou substituição na parte elétrica, hidráulica, reestruturação de telhado, pintura, entre outros serviços.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Ainda de acordo com a Secretaria, estão sendo desenvolvidas e planejadas algumas ações para garantir a aplicação das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola, como capacitações para professores e gestores, aquisição de materiais didáticos específicos e revisão do currículo didático-pedagógico de algumas instituições, visando ampliar, abre aspas, “o combate ao racismo e valorização da cultura afro-brasileira e indígena”. A nota completa está disponível na página deste episódio em nosso site.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Nós também buscamos posicionamento do Conselho Municipal de Educação (CME), que não respondeu ao nosso pedido de nota. Na esfera legislativa, procuramos a Comissão de Educação da Câmara de Vereadores, presidida pelo petista Valdemir Dias. Ele afirmou que está ciente dos fechamentos de escolas nos quilombos e que tem denunciado a situação no plenário da Câmara. Além disso, informou que a pauta tem sido discutida no Fórum Municipal de Educação, onde é membro efetivo, e que tem cobrado uma posição da Prefeitura e do Conselho de Educação acerca do assunto, assim como do Ministério Público, que alegou não ter conhecimento dos fatos relatados pela nossa reportagem na data em que pedimos uma manifestação do órgão.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Por fim, vale destacar que o Conquista Repórter também publicou um especial multimídia em nosso site sobre o mesmo tema abordado neste episódio. Os conteúdos se complementam, então, eu recomendo demais que você acesse!

[TRILHA - VINHETA DE ENCERRAMENTO]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

AFONSO: O Fatos & Vozes é uma produção original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista. Para a realização da série “Conquista de Quilombos”, contamos com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas, do Meta Journalism Project e da Associação de Jornalismo Digital. Eu sou Afonso Ribas e, além da pesquisa, produção e roteiro, faço a apresentação deste podcast ao lado da minha colega de reportagem, Karina Costa. **KARINA:** Na apuração, quem esteve conosco foi a Victória Lôbo, que também é responsável pela direção criativa e locuções adicionais do Fatos & Vozes. A edição e sonorização ficam por conta de Anderson Rosa. A identidade visual e o design das nossas capas são de Caren Vieira e a trilha sonora original é do Gabriel Falcão. As transcrições de entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Ferraz, Talyta Brito e Leonel Brito. Neste episódio, você ouviu áudio da TV Sudoeste. Para a gravação, contamos com a parceria do curso de Jornalismo da UESB, através do seu Laboratório de Radiojornalismo. **AFONSO:** Se você gosta do nosso trabalho, compartilhe o podcast com seus amigos, divulgue nas suas redes sociais, dê 5 estrelas, tudo isso já nos fortalece e muito. E, se for possível, assine a nossa campanha de financiamento coletivo em catarse.me/conquistareporter. Seu apoio faz toda a diferença! Eu fico por aqui e até o próximo episódio! **KARINA:** Até mais!